49ª ROMARIA DA TERRA

ÁGUA, TERRA E ALIMENTO

"Quem tem sede vem à água, come o que é bom." (Is 55,1-3)



09 DE FEVEREIRO DE 2027

ITATI/RS

REALIZAÇÃO

APOIO



Índice

01 Apresentação
02 Xote da Romaria
03 A Romaria em Movimento
04 As Romarias da Terra/RS: memória do povo de Deus lutador
06 Fé, esperança e construção
08 Que território alimentar queremos ter e construir?
10 Água, terra e alimento: fé, organização e futuro no Litoral Norte
12 Romaria e sinodalidade: apelos do mundo à Igreja de hoje
14 Ecologia e Cuidado da Casa Comum
16 A Floresta queima, as Mulheres queimam: ecocídio e feminicídio possuem a mesma natureza
18 Quando a Romaria acontece também no coração
20 Entre águas, ventos e areias: sociobiodiversidade, cultura e identidade
22 Cooperativismo, Juventude e Agricultura Familiar
24 A maior riqueza de uma comunidade não é medida em números. É invisível e, muitas vezes, negligenciada
26 Teologia da Terra
27 Litoral Norte reúne belezas naturais, acolhimento e turismo rural
28 Os 10 mandamentos dos Romeiros da Terra
31 Cronologia das Romarias
33 Guia do Romeiro

Expediente

Conselho Editorial: Dom Jaime Pedro Kohl, Gervásio Toffoli, Padre Luciano Motti, Padre Ildomar Ambos Danelon, Rodrigo Schüler de Souza, Luciano Reus Pereira, Paulo Marcelo Rech e Daniel Schwanck.

Jornalista: Melissa Maciel – RMT/RS 17111

Revisão: Maria Leni Kras Borges Schardosim

Projeto gráfico: Victor Oliveira

Realização:

De Romaria em Romaria

A Diocese de Osório tem a alegria de acolher, em seu chão, a 49ª Romaria da Terra, iniciativa importante da Igreja Católica do Rio Grande do Sul, experiência marcante por ocasião do feriado de Carnaval, testemunho de uma história profética em defesa da vida nas suas várias expressões.

De ano a ano, vamos fazendo caminho juntos, de forma ecumênica e com o envolvimento de várias instituições, como sindicatos rurais, associações comunitárias, movimentos, prefeituras e outras instituições que zelam pelo cuidado com a Mãe Terra e pelo bem comum. Em 2028, a RT completa 50 anos: uma caminhada que marcou a história do nosso Rio Grande. A 49ª RT é ocasião de nos prepararmos para celebrar, com júbilo e alegria, essa comemoração que se aproxima.

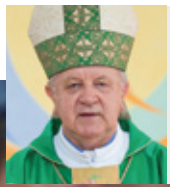
Com o tema "Água, Terra e Alimento" e o lema "Quem tem sede vem à água, come o que é bom", inspirado em Is 55,1-3, essa Romaria de 2027 deseja manter vivo o compromisso com a preservação do meio ambiente e o cuidado com a Casa Comum.

Quando a Mãe Terra é irrigada, a "Água que sai da rocha", onde chega, faz brotar plantas que dão alimento saudável e folhas que servem de remédio. Cientes dos desafios que esse sonho enfrenta, mas confiando na boa vontade das pessoas e na força da Graça, acreditamos que as iniciativas aparentemente pequenas da agricultura familiar, da produção ecológica, da medicina alternativa etc. vão fazer a diferença.

Nosso Litoral Norte gaúcho goza de uma biodiversidade privilegiada, com várzeas banhadas por rios e lagoas, produzindo verduras e legumes da melhor qualidade; a Serra, que, de ponta a ponta, é repleta de bananais sempre verdes, oferece seu saboroso fruto; e 200 km de mar acariciam os veranistas que vêm descansar e recuperar suas forças para continuar sua labuta diária. Tudo isso vem sendo ameaçado por grandes empreendimentos imobiliários que, se não exigirmos as normativas devidas, podem comprometer a qualidade de vida e a vocação turística da região.

Aguardamos todos para uma experiência de fraternidade e comunhão. Poderemos comer juntos "comida de verdade", partilhar nossa fé e esperança cristã, celebrar a vida que brotou da "Água" e que nos fez filhos e filhas amados de Deus. Vamos avançar juntos, de Romaria em Romaria, como irmãos e irmãs, rumo ao Reino de Deus.

Venham beber água que refresca e purifica e comer o que é bom. Esperamos vocês com lâmpadas acesas!



Dom Jaime Pedro Kohl
bispo da Diocese de Osório

Xote da Romaria

Letra e Música: Leonídio Gaede

Ré *Lá*
Bate na pedra que água vai jorrar[2]
Ré
Povo sedento, vem se alimentar [3]
Ré *Lá*
Deus rega a terra que nos sacia [4]
Ré
Deus, abençoe nossa Romaria! [5]

Ré *Lá*
Aqui chegamos com alegria
Ré
À terra querida do Itati
Ré *Lá*
Da pedra jorra água cristalina
Ré
Água da pedra Tupy Guarany[6]

Ré *Lá*
Deus faz a ponte, a fé a travessia,
Ré
É a união que traz o Maná[7]
Ré *Lá*
Brota da terra e nos sacia
Ré
A Agricultura Familiar

Ré *Lá*
Tratar a terra, ecologia
Ré
Ganhar o fruto sem degradar
Ré *Lá*
Mãe da ciência, a filosofia
Ré
Colher, comer e cooperar



Daniel Carlos Schwanck

A Romaria em movimento

Uma Romaria começa muito antes do dia marcado no calendário. Ela nasce quando um povo se põe a caminho, quando comunidades se encontram, quando a fé se transforma em compromisso e quando trabalhadores e trabalhadoras se unem para cuidar da Água, da Terra, do Alimento e da Vida. Como expressou Dom Jaime Pedro Kohl, bispo diocesano, em sua carta-convite, em abril de 2026: "A Romaria é um espaço sagrado de encontro, resistência e esperança. É o lugar onde a fé se mistura com a luta, onde a oração se torna ação e onde os pobres e trabalhadores reafirmam sua dignidade e seus direitos."

A 49ª Romaria da Terra do RS, em Itati/RS, é fruto de uma caminhada construída há muitas décadas no Litoral Norte. É a 2ª edição no Litoral, pois a 41ª Romaria aconteceu em Mampituba/RS, com o tema das Mulheres. É herdeira da organização dos agricultores familiares, do movimento sindical, das experiências de agroecologia e das comunidades de base que aprenderam a caminhar juntas. A Romaria também é um espaço de defesa das comunidades tradicionais, como pescadores artesanais das lagoas, rios e mar, comunidades quilombolas e povos indígenas Mbya Guarani, e de seus saberes e fazeres ancestrais. Dos movimentos ambientais e de defesa das bacias hidrográficas, como a do Rio Tramandaí. Como inspira a identidade visual construída a partir das reuniões ampliadas: padres, pastores, lideranças, sindicatos, movimentos sociais e famílias camponesas foram construindo essa história, com as mãos na terra e os olhos voltados para um futuro de dignidade neste território.

Por isso, a Romaria não começa em 9 de fevereiro de 2027. Ela já está acontecendo... Está nas reuniões ampliadas, com suas equipes de trabalho; nas plenárias municipais e nos encontros preparatórios, que são parte da própria Romaria: momentos para reunir comunidades, movimentos, sindicatos, pastorais e organizações, refletir sobre o tema "Água, Terra e Alimento" e construir coletivamente a caminhada. No acolhimento das comunidades das caravanas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina que se organizam, nas mulheres que cultivam e preparam mudas, chás e temperos para partilhar como lembrança.

No Vale do Três Forquilhas, a caminhada traz ainda a força de uma história bicentenária ecumênica. Católicos, luteranos e outras comunidades cristãs aprenderam, ao longo do tempo, que a solidariedade é maior que as diferenças. Aqui, caminhar juntos é uma experiência vivida no cotidiano: repartir, acolher, celebrar e colocar os dons de cada comunidade a serviço do bem comum.

A Romaria também quer ser mesa. Mesa de alimento produzido pela agricultura familiar, de sabores locais, de partilha e de encontro. Por isso, a organização valoriza a alimentação saudável, ecológica e de cadeias curtas, das agroindústrias e cooperativas locais, evitando a comercialização de alimentos ultraprocessados durante o evento.

E, como toda caminhada exige preparação, cada romeiro é convidado a trazer sua garrafa de água, roupa leve, calçado confortável, chapéu ou boné e, conforme o tempo, capa de chuva ou guarda-chuva. Haverá espaços institucionais, troca de sementes crioulas e iniciativas que revelam a riqueza e a diversidade do nosso território.

Como a Romaria acontecerá no Carnaval, comunidades, salões paroquiais e espaços comunitários estarão preparados para acolher caravanas que desejarem chegar antes e conhecer a região. O turismo rural também poderá oferecer alternativas de hospedagem e experiências no território, mediante organização direta dos grupos. Venha caminhar conosco. Traga sua comunidade, sua bandeira, sua semente, sua história e sua esperança. Venha se somar a este movimento em defesa da Água, pela Terra Livre e pela Alimentação saudável.

A Romaria é encontro.
A Romaria é memória.
A Romaria é compromisso.
A Romaria é povo em movimento.

Cada comunidade, cada caravana e cada romeiro ajuda a construir essa história. Venha participar, acolher, caminhar e celebrar: a **Romaria já está em movimento.**



Daniel Carlos Schwanck, graduado em Filosofia, assessor regional sindical da FETAG, agente territorial do Litoral do MDA e membro da Equipe Executiva das Pastorais Sociais da Diocese de Osório.

Frei Wilson Dallagnol

As Romarias da Terra/RS: memória do povo de Deus lutador

Os romeiros da terra somos parte de um povo que luta e faz história. Olhar para as 48 Romarias da Terra realizadas no RS é fazer memória de um evento que alcançou uma maturidade indiscutível. Ela nasce do "ventre" de um país e de um estado marcados pela ditadura militar, quando eram suprimidos os direitos de liberdade e o estado democrático de direito. Hoje, permanecem os ataques e a supressão de direitos históricos dos povos indígenas e negros, das conquistas trabalhistas e previdenciárias dos pequenos agricultores e da reforma agrária. Mas o Povo de Deus, consciente e lutador, está em pé e não desiste.

Neste contexto, o Povo de Deus se reúne e insurge-se contra as armas, os tanques e os golpes. O grito e o clamor de Sepé Tiaraju ecoam pelo Rio Grande, não como mito ou lenda, mas como referência à causa e à luta dos povos oprimidos: "Alto lá! Esta terra tem dono! Foi Deus que nos a deu e só Ele pode nos tirar!".

Somos a memória, a rebeldia e a profecia da "terra sem males". Somos o grito dos mártires da terra, da moradia, do trabalho digno, da ecologia integral, da casa comum, da mulher, do jovem, da agricultura familiar e do alimento saudável. Lutamos por vida digna, salário justo, cuidado da pessoa e da casa comum e sementes crioulas. Onde o Povo de Deus clama por justiça e onde as iniciativas populares geram vida, ali está o "nosso santuário".

Ao longo das Romarias da Terra, diferentes causas foram assumidas como santuários da memória popular: a causa indígena, a agrária, a juventude camponesa, os atingidos pelas barragens, a causa quilombola, urbana, da agricultura familiar, da mulher camponesa e a causa ecológica.



Foto: 43ª Romaria da Terra do RS de 2020 em Mormaço-RS



Foto: 41ª Romaria da Terra do RS de 2018 em Mampituba-RS

O que nos inspira é a opção pelos pobres. O Papa Francisco recordou, ao explicar a escolha de seu nome, a recomendação de um Cardeal amigo: "Não te esqueças dos pobres!". A mesma preocupação aparece na missão de São Paulo e na experiência de São Francisco de Assis, que encontrou no leproso o próprio Cristo. A opção preferencial pelos pobres, como afirma o texto, pode gerar renovação na Igreja e na sociedade quando somos capazes de nos libertar da autorreferencialidade e ouvir o clamor dos pobres.

A Romaria da Terra é expressão do Povo de Deus lutador, em uma Igreja ecumênica, onde a terra e seu Criador estão no centro das atenções. É um fato social, político e eclesial: espaço de caminhada penitencial, partilha da vida, denúncia da concentração injusta da terra, celebração das conquistas, presença de Deus, exigência de direitos e unidade em torno de projetos de vida.


Foto: 48ª Romaria da Terra do RS de 2026 em Caibaté-RS

A Romaria unifica fé cristã e desejo de luta do povo pelo bem comum, por uma convivência mais fraterna e humana. É a Romaria dos pequenos e excluídos, onde os pobres da terra podem dizer o que sentem em uma linguagem que é sua. A terra é um bem natural que pertence a todos e, como bem emprestado por Deus, não pode ser devolvido estragado.

A Romaria da Terra do RS acontece na terça-feira de Carnaval e tem, desde 1978, presença na agenda do militante popular. A memória de Sepé Tiaraju inspira os pequenos do campo e da cidade a se organizarem e lutarem pela terra. Sua espiritualidade e mística são marcadas pelo amor à terra e aos que nela trabalham para viver dignamente, pelo compromisso com a comunidade, a solidariedade, o serviço e a defesa da vida.

Assim, as Romarias da Terra são celebrações da história, da vida, da fé, das lutas, das conquistas e das esperanças da terra, exercendo um papel conscientizador, mobilizador e de transformação no interior da Igreja e na sociedade.



Frei Wilson Dallagnol é frade menor capuchinho, natural de Ibiraiaras (RS). Bacharel em Teologia pela PUCRS, é mestre e doutor em Teologia Sistemática. Atua na Coordenação Colegiada da CPT-RS, é padre referencial das Pastorais Sociais da Diocese de Osório e pároco em Tramandaí.



Pastor Leonídio Gaede

Fé, esperança e construção

Preparamos o tema da 49ª Romaria da Terra em Itati, RS, sob os ares dos 400 anos das Missões Jesuítico-Guaranis, temática da 48ª Romaria. Também os festejos da Semana Farroupilha tematizam os 400 anos das Missões. A patrona Marianita Ortaça compartilha belíssimas reflexões em suas redes sociais. Uma delas parte do antigo ditado popular: "O fogo nunca discute com a lenha, ele simplesmente revela o que ela é capaz de se tornar". Também a Romaria da Terra, que chega à edição 49 em 2027, não discute seu tema. Ela simplesmente revela o que as comunidades eclesiais e organizações populares são capazes de se tornar. Vale outra metáfora: Certa vez, o fósforo disse à vela: — Preciso te incendiar. A vela respondeu: — Ah, não, isso vai me consumir. O fósforo disse: — Se eu não te incendiar, não estarei cumprindo minha missão, e tu apenas acumularás poeira. Tua missão é iluminar. Se não queimares, não a cumprirás. A vela respondeu: — Acende-me, por favor!

"Acende-me" significa o desejo comunitário de participar do movimento de fé, esperança e construção, celebrado por todas as Romarias da Terra. A fé, como "convicção das coisas que não vemos" (Hebreus 11.1), moveu e move o povo simples a se unir em associações e pequenas cooperativas e — contra a lógica do mega-poder —a preservar o sentido da pequena propriedade rural para cuidar da água, da terra e do alimento de verdade. A esperança nesse processo não é meramente esperar, mas esperançar, isto é, fazer acontecer. E a construção é tudo que se tornou viável e visível em tantas pequenas propriedades. Delas vêm alimento saudável e, devido à tecnologia sustentável de produção, alimento digno. Este alimento está presente hoje em inúmeras feiras populares, escolas e hospitais, graças à construção de redes próprias de cooperação.



O movimento das Romarias da Terra vem permitindo a vivência do Evangelho nas práticas comunitárias. Diante da ameaça de falência hídrica global, o povo das comunidades percebe a água como Moisés e as pastoras a perceberam em Gênesis 2,16ss. Percebe-a como Jesus e a mulher samaritana a perceberam em João 4. Compreender o poder das águas faz compreender a vida da terra. O povo bíblico compreendeu as águas do Dilúvio também como purificação da terra em Êxodo 6. Na visão do profeta Ezequiel, as águas que saíram do santuário renovaram a produção do alimento e do remédio em Ez 47,12.

A 49ª Romaria da Terra celebra a existência de água abundante e espaços livres de veneno, o que é santuário natural. Ali, qualquer criança pode colher um fruto, lavá-lo com água pura e levá-lo à boca como alimento precioso dado por Deus.



Leonídio Gaede nasceu em Aimorés (MG). Bacharel em Teologia pelas Faculdades EST, em São Leopoldo (RS), tornou-se pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) em 1983 e mestre em Teologia Prática em 1990. Atuou por 40 anos como pastor, professor e assessor teológico. Atualmente, é secretário na Prefeitura Municipal de Itati (RS).

Cátia Grisa

Que território alimentar queremos ter e construir?



Vivemos um período marcado por uma verdadeira policrise: mudanças climáticas, perda da biodiversidade, crise energética, urbanização acelerada, má alimentação e conflitos geopolíticos se retroalimentam e produzem efeitos que ultrapassam a soma de cada crise isoladamente. Nesse cenário, os sistemas alimentares ocupam uma posição central: ao mesmo tempo em que são profundamente afetados por essas crises, os sistemas alimentares também contribuem para agravá-las por meio de determinadas formas de produzir, transformar, distribuir e consumir alimentos.

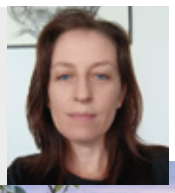
O Litoral Norte do Rio Grande do Sul não está alheio a essas crises. Com bastante recorrência, temos enfrentado ciclones, inundações, chuva de granizo e ondas de calor que afetam a agricultura, as infraestruturas e a qualidade de vida. Ao mesmo tempo, também sentimos o aumento do preço dos insumos, combustíveis e alimentos, os quais estão associados aos conflitos geopolíticos, aos impactos das mudanças climáticas e às crises energéticas. Embora a fome não seja um problema expressivo, a má alimentação e o consumo de alimentos ultraprocessados ganham fôlego, se manifestando em números importantes de sobrepeso, obesidade e doenças associadas. E o crescimento demográfico acentua a urbanização, nem sempre acompanhada de planejamento territorial, cuidados ambientais e oferta de serviços suficientes.

Ao mesmo tempo, o Litoral Norte apresenta características que oferecem respostas a essas crises e oportunidades para sistemas alimentares sustentáveis, saudáveis e inclusivos. O território guarda uma diversidade produtiva expressiva. Banana, abacaxi, arroz, feijão, mandioca, cana de açúcar, frutas, verduras, legumes e açaí-juçara são alguns dos muitos alimentos produzidos aqui. Temos agricultura familiar, pecuária familiar, pesca artesanal, comunidades quilombolas, comunidades indígenas e diferentes grupos étnicos, todos contribuindo para uma expressiva diversidade alimentar. Muitos desses alimentos são produzidos com base em sistemas agroflorestais, práticas agroecológicas e manejos mais sustentáveis associados às paisagens características da região, elementos fundamentais para a resiliência climática.

Além dessa riqueza de gente, de alimentos e de práticas mais sustentáveis, as proximidades entre as áreas rurais e urbanas e a infraestrutura viária são elementos que facilitariam a reconexão entre produção e consumo, rural e urbano, contribuindo para a oferta de alimentos frescos, dinamização econômica, geração de renda e menos emissões de gases de efeito estufa. O próprio crescimento populacional, inclusive com pessoas que trabalham remotamente ou aposentados, pode representar um público interessado em saúde e com renda mais estável, criando oportunidades para a agricultura familiar e para a valorização dos alimentos produzidos no território.

A Romaria da Terra é um bom momento para colocarmos essas crises, desafios e oportunidades em debate, refletindo sobre que território alimentar queremos ter e construir e sobre que futuro queremos deixar para as próximas gerações. E é importante lembrar que a construção desse território não depende de um único ator. A construção de dinâmicas alimentares sustentáveis, saudáveis e inclusivas é tarefa de todos e todas, perpassando produtores/as, consumidores, donos de restaurantes, de supermercados e de quiosques na praia, gestores públicos, políticos etc. É hora de tornar o alimento um bem comum.

Cátia Grisa é professora do Campus Litoral Norte e dos Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento (PGDR), em Políticas Públicas (PPGPP) e em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento (PGDREDES), todos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).









Samuel Santos

Água, terra e alimento: fé, organização e futuro no Litoral Norte

Em 9 de fevereiro de 2027, Itati acolherá a 49ª Romaria da Terra. A Romaria afirma que água, terra e alimento são dons de Deus, direitos dos povos e fundamentos da vida. Peregrinar é comprometer-se com a Casa Comum e com quem produz o alimento.

Os Sindicatos dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais do Litoral Norte, organizados pela Associação Regional Sindical Litoral, têm tido papel central nessa caminhada. O movimento sindical concentra esforços na articulação, aproximação e organização das comunidades, formando lideranças, defendendo direitos, reivindicando políticas públicas e, especialmente, conectando cooperativas, igrejas, movimentos sociais, universidades e poder público. A Romaria integra essa estratégia: aproxima instituições, transforma diálogo em compromissos e semeia cooperação permanente.

Acreditamos que o desenvolvimento territorial não acontece por acaso. Como ensina Sérgio Schneider, o território nasce das relações entre pessoas, organizações, economia, cultura e Estado. O capital social do sindicalismo rural, conectando as várias forças institucionais, potencializa o fator decisivo para converter riquezas regionais em oportunidades e garantir a permanência das famílias no campo.

No contexto pós-Covid-19 e pós-enchentes, crises climáticas, alimentares e econômicas se entrelaçam. A professora doutora da UFRGS Catia Grisa, mostra que a agricultura familiar sofre esses impactos, mas também oferece respostas com produção sustentável e abastecimento local. O Litoral Norte reúne produção orgânica, agroecologia, cooperativismo e turismo rural de base comunitária, que talvez nenhum outro território apresente em organização e proporção como o nosso.

A agroecologia, conforme Caporal e Costabeber, integra sustentabilidade ambiental, econômica, social, cultural e ética. Fortalecê-la exige assistência técnica, crédito, comercialização, compras públicas, sucessão rural e proteção dos bens comuns: bandeiras históricas do movimento sindical.





Também precisamos enfrentar contradições. O crescimento sem planejamento pressiona água, saneamento, terra e serviços públicos. O Porto Meridional, em Arroio do Sal, exige debate rigoroso sobre impactos ambientais, sociais e territoriais. Desenvolvimento verdadeiro não pode silenciar comunidades, expulsar famílias nem destruir a agricultura familiar. Não é ser contrário ao desenvolvimento, e sim favorável à integração, à cultura e ao cuidado com o ambiente.

A Romaria da Terra é oração caminhante e ação coletiva. Como recorda a *Laudato si'*, "tudo está interligado". Defender a água é defender a saúde; defender a terra é garantir trabalho e pertencimento; defender o alimento é fortalecer a agricultura familiar, a agroecologia, o cooperativismo e a soberania alimentar.

Que a 49ª Romaria renove esperança e organização. Que o movimento romeiro aproxime e desperte o nosso capital social, fortalecendo as sinergias e estimulando as conexões para o desenvolvimento. Quem tem fé se põe a caminho; quem acredita neste território fortalece seus sindicatos e instituições locais, semeia justiça e políticas públicas para que todos vivam com dignidade.





Samuel Santos é agricultor e pecuarista familiar, graduado em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É diretor efetivo da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (FETAG-RS) e presidente da Associação Sindical Litoral.



Pe. Luciano Motti

Romaria e sinodalidade: apelos do mundo à Igreja de hoje

Há dois mil anos a Igreja persegue um objetivo central: evangelizar! A sua missão coincide com a sua identidade (cf. EN 14). Embora tenha esta clareza acerca da sua missão, a realização concreta da evangelização tem suas complexidades. *Como evangelizar?* aqui e hoje é pergunta que se apresenta desafiadora.

Estes nossos dias já se mostram claramente como tempo de mudança, em todos os aspectos da vida. O mundo muda, a forma de compreender o mundo e de se relacionar com ele muda... também muda a espiritualidade e a vivência da religião. São tempos de 'policrise', e igualmente tempos de muitas possibilidades.

A crise traz dentro de si a necessidade do discernimento; algo precisa ser deixado para trás para que o novo surja e se estabeleça (na Bíblia, crise é sinônimo de juízo, purificação, distinção - cf. Am 9,9; Jo 3,19; 9,39). A realidade da crise traz igualmente dentro de si uma série de oportunidades. O novo já está se apresentando e se formando, e pede engajamento e participação (na Bíblia, depois da crise vem um tempo novo fruto da parceria de Deus e seu povo: 'Eis que faço novas todas as coisas' – cf. Is 43,19 e Ap 21,5).

Se a crise convulsiona o mundo, igualmente ela toca o ser humano na sua realidade interior (solidão, excesso de informação, superficialidade, depressão, exaustão, ansiedade...). É este o cenário atual em que a Igreja reflete sobre si e sobre a sua missão.

O Papa Francisco apresentou novas luzes para a Igreja olhar-se, olhar o mundo e realizar o discernimento: a missão é centro da reflexão e da ação, Igreja em saída, misericórdia como paradigma das relações, Igreja acolhedora e em saída na direção das periferias e dos pobres, sinodalidade, emergência da crise ecológica... (vejam-se *Evangelii Gaudium* - 2013 e *Laudato si* - 2015, exposições programáticas do pensamento de Francisco).

No Brasil, as novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (para o período de 2026 a 2032) realizam o programa sinodal do Papa e ajudam a Igreja a caminhar da crise para o novo. Com a imagem da tenda que vai alargando suas estacas e lonas (inspirada em Is 54), a Igreja que está nas nossas comunidades se abre a processos renovados de evangelização, pela renovação das relações e dos vínculos e dos processos (DGAE, nn. 9-16).

É aqui que encontramos a Romaria da Terra do RS: acontecimento de Igreja que se insere autenticamente no ambiente de crises e oportunidades; atuação da fé com coerência e incidência na vida das pessoas e na sociedade. Para isso, a Romaria deixa de ser mais 'um acontecimento' na vida da Igreja e se torna um processo (veja-se DGAE, nn. 179-183 com inspirações para um processo de Romaria em lógica sinodal).







O diálogo é a marca decisiva para fazer da Romaria da Terra um processo evangelizador. Diálogo entre diversos sujeitos eclesiais: lideranças das comunidades, o bispo da Diocese e catequistas que atuam nas pequenas comunidades rurais e bairros, os padres e diáconos com os cristãos frequentadores das missas, as animadoras dos grupos de leitura orante da Bíblia e coordenadores dos Conselhos Paroquiais, agentes da pastoral da saúde alternativa e membros dos grupos de oração... E diálogo entre os diversos sujeitos sociais: os agentes de diversas Igrejas cristãs, militantes dos sindicatos rurais, professores universitários, agricultoras ecologistas e lideranças do cooperativismo de crédito, prefeitas, secretários municipais, servidores públicos, líderes cooperativistas, ecologistas... Todos, todos, todos! (como diz o Papa Francisco).

A roda de conversa das Reuniões Ampliadas é uma verdadeira ciranda de partilha das experiências e conhecimentos.

A tenda está-se alargando e a 49ª Romaria da Terra é um ambiente de oportunidades para a aproximação, para a acolhida mútua, para a corresponsabilidade, para o diálogo franco e respeitoso. Ao longo do caminho, vão sendo gestadas ideias novas para colocar o humano no seu lugar de cuidador fraterno com todos os seres que existem; vai sendo compreendida uma renovada espiritualidade centrada no Deus libertador da vida; vai surgindo uma nova consciência de pertença ao território com as responsabilidades que decorrem desta pertença; as relações vão se estabelecendo e criando amizade.

Padre Luciano Motti, presbítero da Diocese de Osório, pároco em Santo Antônio da Patrulha e coordenador diocesano da Ação Evangelizadora; Professor de Exegese na PUCRS.





Luiz Carlos Susin

Ecologia e Cuidado da Casa Comum

Todo mundo está falando em ecologia. O assunto é muito recente, a consciência ecológica não tem cem anos ainda, e isso é pouco na história da humanidade. Os últimos cem anos de história mundial, porém, tiveram mais invenções, mudanças e novidades, do que milênios inteiros da humanidade. Mas são destes últimos cem anos as guerras mundiais e as bombas de grande destruição. É desse tempo também o aquecimento global, a mudança climática, e em alguns lugares o silencio completo das florestas por falta de pássaros e outros animais. E já fazem falta borboletas e abelhas, com problemas sérios de polinização de frutas, diminuição de flores. A acidez dos mares causada pela poluição global destrói as algas, as verdadeiras produtoras do oxigênio que a Terra – e nós com ela – respira. O que moveu a consciência ecológica e popularizou o assunto foram problemas cada vez mais urgentes e enormes para a humanidade sobreviver, e talvez para todos os seres vivos mais complexos: todos dependemos do ambiente.

A ecologia, na verdade, foi objeto de estudos científicos na área de biologia desde o século XIX, quando a ciência começou a compreender a evolução das espécies de seres vivos. Logo se verificou que os seres se adaptam e se alimentam de seus ambientes e da vida uns dos outros, e fazem uma grande rede, ou melhor, uma comunidade de seres vivos. Até as árvores se ajudam entre si e servem umas de alimento e adubo para outras. Tanto os seres orgânicos como os não orgânicos – a água, os minerais, a terra, o oxigênio, as nuvens, a luz do sol, a lua – tudo está conectado num grande sistema complexo, a terra e o universo.

A consciência da crise ambiental, na segunda metade do século passado, foi também resultado de um choque: não podemos ter progresso e acumulação capitalista ao infinito num mundo finito de recursos que estão ficando escassos. E novas tecnologias para resolver isso provocam novos problemas. O nosso sistema de vida, ditado ultimamente pelas grandes potências econômicas, não é sustentável. Então a ecologia é um problema econômico, mas também ético e político. Tem tudo a ver com os modos de vida de diferentes sociedades. Não basta preservar o ambiente, é necessária também transformação social e mental. É necessária educação ecológica, uma nova alfabetização para todos, a *alfabetização ecológica*.

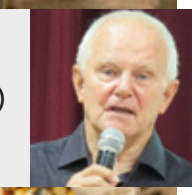
Há também uma dimensão espiritual decisiva em ecologia. O historiador americano Lynn White, em 1967, acusou a tradição judaico-cristã pela crise ambiental no Ocidente, pois a interpretação do Gênesis de que Deus entregou tudo ao ser humano para que ele dominasse e reinasse sobre todas as criaturas gerou uma mentalidade

depredadora implacável, e até hoje nós associamos nossas invenções, a tecnologia, a produção e o consumo ao nosso poder e à nossa arbitrariedade. Mas ele afirmou no final o seguinte: se a raiz do problema é religiosa, o remédio também tem que ser religioso. E apontou para São Francisco de Assis e sua cordialidade fraternal para com todas as criaturas como inspiração e remédio para uma saudável ecologia espiritual. São Francisco como patrono dos ecologistas, além de protetor dos animais, teve oficialização em 1979.

O Papa Francisco, ao inaugurar seu pontificado, colocou como seu foco pastoral três pontos: O cuidado para com a Criação, a Paz através do encontro e do diálogo, e uma Igreja aberta aos pobres e excluídos. Em 2015, ao escrever a Carta Laudato Sì, apresentou a visão de uma ecologia integral, onde tudo está interligado: ecologia ambiental, econômica, social, cultural, do cotidiano, do humano e espiritual.

Portanto, em vez de ter uma relação de dominador e depredador, o ser humano é chamado por vocação bíblica a ser o cultivador e o cuidador justo, sóbrio, acolhedor, da diversidade natural e cultural, e viver espiritualmente conectado com tudo o que compõe a terra e a vida sobre a terra, desde a matéria mais humilde. O planeta terra é nossa casa, mas não só casa dos seres humanos. É casa de todas as criaturas numa grande família e numa grande comunidade de vida. Deus veste os lírios e alimenta os pássaros, deu água suficiente e vida nos mares para sustentar o oxigênio que respiramos: habitamos uma casa cheia de vida. Nosso lugar não é o topo da hierarquia como se fôssemos os melhores. Não há criaturas melhores e piores, como em família não deve haver quem vale mais ou vale menos. O jardineiro não pergunta se ele é melhor do que a rosa que ele cultiva. Sua missão é ser o cultivador, o cuidador.

Luiz Carlos Susin, Frei franciscano capuchinho, doutor em teologia, professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e da Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF), em Porto Alegre.









Rita de Cássia Fraga Machado

A Floresta queima, as Mulheres queimam: ecocídio e feminicídio possuem a mesma natureza

Há mais de dois anos uma professora, na cidade de Tefé, no Amazonas, foi queimada viva. Não se surpreendam, o feminicídio foi cometido pelo seu ex-marido que até hoje não foi condenado. Desde então, observo como esses crimes de colocar fogo em mulheres viraram corriqueiros em casos de violência contra mulheres, aqui não vou me deter a listar esses crimes, minha intenção é refletir como que parece normal ver a Floresta queimar sem qualquer incomodação profunda.

A professora, assim como a floresta, os rios, os lagos e o ar sofrem genocídios e parece não acontecer nada, aliás, acontece, a flexibilização nas leis que deveriam proteger esses desastres, pois, sim, são desastres, são genocídios. Essa foi a definição da procuradora da República Thais Santi em relação aos crimes de Altamira, no Pará.

A Floresta queima, as mulheres queimam perifericamente. Os criminosos que colocam fogo somem diante das tragédias provocam. Afinal, quem se interessa por esses territórios: mulheres, índios, povos tradicionais, sim, são esses que se interessam em manter a vida, a vida humana, e esses povos, incluindo as mulheres, que estão nas periferias das grandes cidades.

Nossos corpos são tratados como periferia, e, portanto, violentados, maltratados e hostilizados como a periferia, pois se imagina que tudo de ruim existe por lá. Imaginação estúpida e ignóbil. Em recente artigo, Eliane Brum chamou a atenção para isso, para o periférico dos territórios devastados. “Essa é a angústia de quem luta pelo meio ambiente nesse centro do mundo que é tratado como periferia” e depois a jornalista completa “E, em seguida, esquecida”. Lígia, Mariana, Brumadinho, Altamira, toda periferia, todas exploradas e massificadas até a morte.

A permanência do patriarcado como estruturante das relações sociais de gênero permite que o corpo das mulheres, historicamente, pertença aos homens e ao Estado. Em sociedades patriarcais, como a nossa, a autonomia sobre nossos corpos ainda é uma luta central dos movimentos feministas. Aqui se agrega a luta ecológica, lutar pelas liberdades dos nossos corpos está condicionada, nas mulheres da floresta, à luta pela liberdade da natureza. Não me entendam mal, pois o que estou propondo como reflexão não é nenhuma ideia essencialista entre mulher e natureza, não é. A proposição é para que possamos pensar como enfrentar questões como essas e que estão atuais e emergentes ao pensamento ético brasileiro.



A antropóloga Rita Segato, ao questionar o que é o corpo da mulher, se pergunta: "Quem o declara nesse lugar? Quem assim o titula? São seus pares, os outros homens que o intitulam no "clube". Eles possuem uma estrutura de clube, de confraria, de irmandade, de máfia. Enfim, essa é a estrutura da masculinidade, e segue [...] é sobre o corpo feminino que ele vai mostrar, exibir que é portador de potência. Há uma afinidade direta do corpo feminino com a visão que temos de território" (Segato, 2010, p. 52). Há uma relação direta entre o corpo da mulher, a natureza e o patriarcado e é por intermédio da exploração e do uso da força cruel que ele, o homem, mostra a sua conquista. Nesse sentido, explorar valores de uma sociedade capitalista e patriarcal é a condição naturalizante dessa relação.

Segato, assim como outras teóricas, nos ajudam a pensar (questionar) e a agir no presente. Afinal, o que está acontecendo com a vida, com a nossa vida, a vida das mulheres? Precisamos mesmo comer tanto agrotóxico, matar um rio inteiro e toda a biodiversidade que existe na floresta, é preciso queimar a floresta? Qual a necessidade humana de queimar mulheres? São tempos de "paz"? Digam-me, há necessidade de tanta crueldade e terror?... às mulheres, aos rios, ao ar, à nossa casa comum.



Rita de Cássia Fraga Machado é professora associada da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), onde atua nos Programas de Pós-Graduação em Educação e no Doutorado em Educação da EDUCANORTE. Pós-doutora e doutora em Educação, desenvolve pesquisas nas áreas de Educação das Mulheres e Sociodiversidade, Feminismos na Amazônia e Epistemologias Feministas. É líder do Grupo de Pesquisa Educação, Feminismos e Amazônia – EduAmazônia.

Ananda Rafinha

Quando a Romaria acontece também no coração

Existem coisas impossíveis de recordar sem colocar o coração inteiro. A Romaria da Terra é uma delas.

Conto o tempo que falta para a terça de carnaval com o mesmo entusiasmo com que as crianças esperam o aniversário. Na minha mente, permanecem os símbolos mais queridos das Romarias: o anel de Tucum e os cabelos de nosso povo, que a cada ano mudam de coloração. Quando se iniciaram as Romarias, 49 anos atrás, eram dedos novos a segurar o anel pretinho e cabelos jovens nas fileiras à nossa frente, ao peregrinarmos por caminhos tão diversos.

São tantas lembranças: os rostos amigos reencontrados, a caravana animada pelo Esperançar, os cantos, a Celebração Eucarística, a mistura de símbolos que nos fala da ligação com tudo: vida, fé prática e imersão na existência humana. Cruzes, velas, enxadas, sementes e plantas nos lembram o divino mergulhando no humano.

Na caminhada, quando chove ou o sol é forte, guarda-chuvas se multiplicam para abrigar mais gente. As cabecinhas brancas, que já sentem os pés tropeçando, encontram um braço onde se apoiar. Quem quer saber se o outro faz parte do meu time, da minha igreja ou do meu partido político? Somos, na Romaria, um só povo, buscando respostas para uma vida digna e decente para todos.

O grande objetivo é transformar a mística e a espiritualidade em gestos de compromisso concreto, capazes de mudar a realidade. Ao longo das 48 Romarias, nada do que diz respeito à vida humana e à sua dignidade ficou de fora: terra, água, agricultura familiar, povos originários, juventude, mulheres, agroecologia, cooperativismo, justiça, solidariedade, ecologia integral e alimento.





A Teologia da Libertação une a fé religiosa à luta social pela emancipação das populações pobres e oprimidas. Ela coloca os pobres no centro, reconhecendo-os como sujeitos que pensam, falam, se organizam e ajudam a construir um novo modelo de Igreja e de sociedade. A Romaria da Terra está neste grupo de iniciativas.

Ao longo dessa caminhada, fomos buscando novas maneiras de estar na Igreja, ler a Palavra, escutar e servir o povo. Dessas buscas nasceram experiências como as Comunidades de Base, a alfabetização, o trabalho em presídios e, Na Mata Atlântica, especialmente com os Grupos de Mulheres, descobrimos a dor escondida em cada ser humano e a necessidade de cuidar da mente, das emoções, do corpo, do ambiente e do espírito. Formamos uma imensa Teia das Bruxinhas de Deus a serviço da vida.

Estamos a caminho da próxima Romaria, em nossa Diocese de Osório. Que ela seja mais uma oportunidade de fortalecer a esperança, aproximar as pessoas e cuidar da nossa Casa Comum. Que diminuam as distâncias entre nós e que a força que nos une ao redor de Jesus Cristo nos ajude a ser semente boa neste planeta.



Ananda Rafinha, Lourdes Maria Prado Duarte, nasceu em Uruguaiana (RS), em 28 de setembro de 1945. Formada em Teologia e Pedagogia, é ligada à Teologia da Libertação, ao Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) e às Pastorais Sociais. Há 35 anos, atua na formação de grupos de mulheres e na área da Saúde Integral. Atualmente, vive na Barra do Ouro, distrito de Maquiné, na Diocese de Osório, de volta à Mata Atlântica.



Jorge Amaro de Souza Borges

Entre águas, ventos e areias: sociobiodiversidade, cultura e identidade

Em agosto de 1821, o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire atravessou nossa região e registrou, em Viagem ao Rio Grande do Sul, uma paisagem marcada pelos campos, pelas águas e pelas areias. Mais de dois séculos depois, essa imagem ainda ajuda a explicar quem somos. No litoral gaúcho, entre o Atlântico, lagoas, rios, banhados, dunas, restingas, encostas e campos, a vida é permanentemente mediada pela água, pelo vento e pela areia.

Mas essa paisagem nunca foi vazia. Povos indígenas, especialmente os Guarani, açorianos, africanos escravizados e seus descendentes, pescadores artesanais, agricultores familiares e comunidades quilombolas produziram diferentes formas de viver e pertencer a este território. É desse encontro entre diversidade ambiental e diversidade humana que nasce nossa sociobiodiversidade.

Ela está no Rio Tramandaí e na Barra de Imbé, onde pescadores artesanais aprenderam, geração após geração, a ler as águas e os movimentos dos botos, estabelecendo uma singular relação de cooperação entre seres humanos e natureza. Está também na Lagoa do Peixe, onde comunidades de pescadores artesanais construíram seus modos de vida em profunda relação com os ciclos das águas, com a pesca e, especialmente, com o camarão. Ali, conhecimentos transmitidos entre gerações orientam inclusive a abertura da barra da Lagoa do Peixe, prática secular que conecta temporariamente as águas da lagoa ao oceano e integra a história, o trabalho e a cultura dessas comunidades. São saberes construídos na convivência cotidiana com as águas, capazes de transformar a leitura dos ventos, das marés e dos ciclos naturais em alimento, trabalho, cultura e identidade.

Está nas congadas dos maçambiques e quicumbis, que fazem da fé, da música e da dança espaços de resistência e continuidade da cultura negra. Está também nas sementes crioulas, como o feijão sopinha e o milho catete, selecionados, cultivados e guardados entre gerações entre gerações como patrimônio vivo.

Nossa sociobiodiversidade também tem sabor. Está no pescado, nos alimentos produzidos pelas comunidades e no cordeiro salineiro, expressão dos campos costeiros e de formas de produção construídas em diálogo com esse ambiente. Até a areia produz diversidade: dunas, restingas e solos arenosos abrigam formas particulares de vida e condicionaram cultivos, caminhos e modos de ocupação.

É também uma terra atravessada pela história. Em 1840, em plena Revolução Farroupilha, nasceu em São Simão, em Mostardas, Menotti Garibaldi, filho de Anita e Giuseppe Garibaldi. Em 1878, também em Mostardas, nasceu Marcelo Gama, poeta simbolista e um dos fundadores da Academia Rio-Grandense de Letras.

Por isso, falar da água como bem comum é falar de muito mais do que um recurso natural. É falar de biodiversidade e cultura, território e identidade. Proteger nossas águas é proteger os botos e os pescadores, os banhados e as sementes, os povos indígenas, as comunidades quilombolas e seus saberes.

A Romaria da Terra nos convida a compreender essa unidade. Cuidar da Casa Comum é reconhecer que natureza e cultura não caminham separadas. **Somos um território de muitas águas e muitos povos. Entre águas, ventos e areias, seguimos produzindo vida, memória, identidade e esperança.**





Jorge Amaro de Souza Borges é biólogo, mestre em Educação, doutor em Políticas Públicas e pós-doutor em Desenvolvimento Rural pela UFRGS, onde atua como professor. Quilombola da Comunidade dos Teixeiras, em Mostardas (RS), pesquisa políticas públicas, comunidades quilombolas, desenvolvimento territorial, sociobiodiversidade e direitos humanos.



Michel Lara de Oliveira

Cooperativismo, Juventude e Agricultura Familiar

O cooperativismo desempenha um papel fundamental no fortalecimento da agricultura familiar e na construção de sistemas agroalimentares saudáveis e sustentáveis. Por meio da união e da cooperação, agricultores e agricultoras encontram melhores condições para produzir, comercializar e ampliar sua participação no desenvolvimento das comunidades. Nesse processo, a juventude tem um papel essencial, trazendo novas ideias e possibilidades para o presente e o futuro.

A agricultura familiar não é um conceito identitário. A legislação da agricultura familiar surge com o intuito de reconhecer a importância de quem produz grande parte dos alimentos que chegam às famílias, por meio do acesso a diversas políticas públicas. Vivemos em um momento histórico no qual os hábitos alimentares estão em rápida transformação, enquanto forças políticas tentam desacreditar a capacidade produtiva da agricultura familiar. Por isso, precisamos valorizar quem de fato produz e vende alimento de verdade, quem gera abundância e riqueza junto à preservação de tradições e conhecimentos ancestrais.

Em um cenário em que o empreendedorismo e os projetos individuais são fomentados pela mídia e até por agentes do Estado, discutir desenvolvimento territorial em projetos coletivos é urgente. Os laços sociais, cada vez mais líquidos e instáveis, tornam um desafio encontrar pessoas que insistam em procurar alternativas coletivas e comunitárias. Nossas cooperativas têm o papel de aproximar produtores e consumidores e criar oportunidades para que os alimentos da agricultura familiar tenham maior espaço para comercialização, com custos compartilhados. Entre o plantio da semente e o prato existem incontáveis desafios, e o cooperativismo atua aumentando a escala, diminuindo custos, organizando a produção e construindo infraestruturas coletivas.

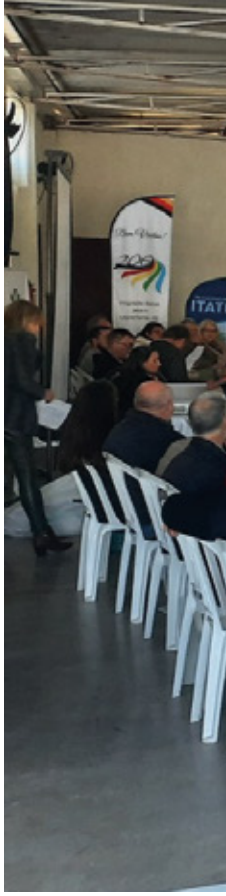
A juventude precisa ser protagonista nesse processo de aproximar o campo e a cidade, buscar alternativas, tecnologias e inovações. Além disso, sua participação nos espaços coletivos é fundamental para garantir a renovação das lideranças, dos projetos e a continuidade do movimento cooperativista.

Cooperar gera benefícios econômicos, sociais, ambientais e culturais, construindo comunidades mais fortes, valorizando quem produz e incentivando uma relação mais consciente com os alimentos que chegam à nossa mesa. Quando todos trabalham juntos, a alimentação deixa de ser apenas uma necessidade e passa a representar também uma oportunidade para fortalecer a economia local, preservar conhecimentos e construir uma sociedade mais saudável, solidária, soberana e sustentável.



Michel Lara de Oliveira é vice-presidente e coordenador de Projetos da Coomafitt, agente territorial do Programa Paul Singer de Economia Popular e Solidária pelo Litoral Norte, agricultor agroecológico neorural há nove anos, psicólogo formado pela UFRGS e especialista em Agroecologia pela UERGS/UDELAR.





Álvaro Link

A maior riqueza de uma comunidade não é medida em números. É invisível e, muitas vezes, negligenciada

Quando falamos em desenvolvimento da agricultura familiar, pensamos em crédito, tecnologia, produtividade, infraestrutura e renda. Todos são importantes. Mas existe uma riqueza anterior a tudo isso, difícil de quantificar e decisiva para transformar oportunidades em prosperidade: o **Capital Social**, ou **Ativo Relacional**.

Na Contabilidade, capital social representa os recursos colocados pelos sócios ou associados em uma organização. Aqui, falamos de outro patrimônio: aquele construído entre as pessoas, pela confiança, pelo diálogo, pela reciprocidade, pelo pertencimento e pela capacidade de cooperar.

Para o agricultor familiar, essa riqueza tem significado concreto. Uma boa ideia pode nascer de uma conversa, uma dificuldade encontrar solução quando compartilhada e uma oportunidade tornar-se possível quando várias pessoas se organizam.

Por isso, precisamos valorizar os encontros. Encontrar-se é mais do que estar no mesmo lugar. É criar a oportunidade de conhecer o outro, ouvir experiências, compartilhar conhecimentos, apresentar dificuldades e perceber que problemas individuais podem ter soluções coletivas.

E como os encontros geram confiança? Pela aproximação e pela repetição. Ao se encontrarem, agricultores conhecem histórias, capacidades, dificuldades e valores uns dos outros. O diálogo permite compreender diferenças e encontrar convergências. Com o tempo, experiências compartilhadas constroem uma certeza: “posso contar com essas pessoas”.

A confiança também nasce dos pequenos compromissos cumpridos, da ajuda recebida, do conhecimento compartilhado e da palavra respeitada. Assim, o encontro gera vínculo, o vínculo gera confiança e a confiança cria disposição para agir junto.

É nesse ponto que nasce a organização. Agricultores que confiam uns nos outros conseguem estabelecer objetivos comuns, dividir responsabilidades e compartilhar recursos para realizar o que dificilmente conseguiriam sozinhos.

O associativismo e o cooperativismo são expressões concretas desse processo. Transformam relações em organização e ampliam a capacidade dos agricultores de comprar, produzir, comercializar, acessar mercados, buscar conhecimento e criar oportunidades.



E há um aspecto fundamental: o **Capital Relacional** fortalece o capital financeiro. Uma comunidade com confiança organiza melhor seus recursos; uma associação fortalecida amplia sua capacidade de ação; uma cooperativa com participação e pertencimento gera mais oportunidades para seus associados.

É um ciclo virtuoso: encontros geram diálogo; diálogo e experiências compartilhadas constroem confiança; confiança estimula organização; organização amplia a cooperação; e a cooperação fortalece também o capital financeiro.

Essa é, sem dúvida, a maior riqueza de uma comunidade: não apenas aquilo que cada família possui individualmente, mas aquilo que consegue construir junto. Uma riqueza poderosa, embora invisível aos balanços.

Porque antes da riqueza monetária existem os encontros. Dos encontros nasce o diálogo; do diálogo, a confiança; da confiança, a organização. E dessa capacidade de caminhar juntos nasce uma força capaz de transformar relações em desenvolvimento e prosperidade compartilhada.



Álvaro Link atua há 31 anos no Sistema de Crédito Cooperativo, com mais de 20 anos em funções executivas. Integra a Sicredi Caminho das Águas desde 2007 e preside seu Conselho de Administração desde 2024, com foco no fortalecimento do cooperativismo, da governança e do desenvolvimento sustentável dos territórios onde a cooperativa atua.



Neusa Schnorrenberger

Teologia da Terra

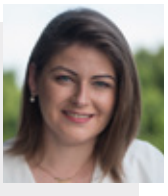
Reflexão sobre a relação entre fé, terra, vida, território e compromisso cristão com a defesa da criação e a dignidade das pessoas.

"Cada camponês tem direito natural de possuir lote razoável de terra, onde possa estabelecer o seu lar, trabalhar para a subsistência da sua família e gozar de segurança existencial." (PAPA FRANCISCO, 2015, p. 78)

A Teologia da Terra não é apenas uma construção teórica, mas uma fé encarnada no chão que pisamos. Ela revela a relação indissociável entre Deus, a vida, o território e o compromisso cristão com a defesa da Criação. Essa dimensão ganha vida na caminhada do Movimento de Mulheres Camponesas do Litoral Norte do RS. Praticantes ativas da fé e participantes da Romaria da Terra no Rio Grande do Sul há mais de 30 anos da Romaria, essas mulheres traduzem o Evangelho em ação, encontrando na Teologia da Libertação a inspiração para resistir e transformar a realidade.

Sua espiritualidade se manifesta no cuidado com as matas ciliares e os resquícios da Mata Atlântica, na regeneração da terra e no cultivo de agroflorestas. O respeito à vida ganha forma nos saberes ancestrais e no projeto das farmacinhas medicinais, além da promoção da educação ambiental e da Feira da Biodiversidade. Ao se inserirem na produção de alimentos orgânicos, essas mulheres geram renda local e devolvem a dignidade às famílias do campo.

Cuidar da Casa Comum é uma missão sagrada. Defender o território é defender a própria vida que Deus nos confiou, fazendo da agroecologia e da solidariedade uma verdadeira oração em movimento.



Neusa Schnorrenberger é advogada e pesquisadora, integrante do Movimento das Mulheres Camponesas do Litoral Norte. É autora do livro Mulheres e autonomia: interconexões entre movimentos sociais, movimentos feministas e democracia, publicado em 2025 pela Editora Ilustração.













Litoral Norte reúne belezas naturais, acolhimento e turismo rural

Quem não se encanta com o Litoral Norte gaúcho, suas belezas naturais e sua rica sociobiodiversidade? Ao percorrer a encosta da Serra, o olhar se perde entre cachoeiras, águas cristalinas, vales verdes e paisagens que revelam a diversidade e a riqueza deste território, habitado por um povo acolhedor e alegre.

Para quem deseja ir além das praias e conhecer o Litoral Norte sob uma nova perspectiva, o turismo rural oferece experiências de acolhimento, contato com a natureza e valorização da agricultura familiar. É uma oportunidade de conhecer a vida no campo, saborear os produtos locais, vivenciar os saberes das comunidades e reconhecer a importância de quem produz alimentos e preserva nossas riquezas naturais.

Nesse caminho, a Rota Turística Caminhos dos Vales e das Águas representa a força da organização coletiva de agricultores familiares, empreendedores rurais, sindicatos de trabalhadores rurais e entidades comprometidas com a agroecologia. A produção orgânica, a conservação ambiental e os modos de vida das comunidades são ativos importantes para construir um turismo sustentável, que gera renda e fortalece o território.

É nessa perspectiva que nasce a ATUAR – Associação Regional de Turismo Rural Caminhos Rurais Vales e Águas, fundada em maio de 2024, reunindo 12 municípios do Litoral Norte gaúcho, na região de encontro com a Serra Litorânea. A entidade articula famílias agricultoras, empreendimentos e prestadores de serviços para promover um turismo sustentável e regenerativo, valorizando o patrimônio natural e cultural da região.

A rota oferece diversas possibilidades para quem deseja conhecer e vivenciar o território: propriedades rurais, pousadas, alojamentos, sítios e chácaras preparados para receber visitantes, além de trilhas, trekking, rapel, ciclismo, banhos de cachoeira, hospedagens, almoços e cafés rurais. As experiências incluem ainda a gastronomia tradicional, produtos locais, Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC), feiras, festas regionais e atividades de contemplação da natureza, inclusive de caráter místico e religioso.













A rota é um convite ao encontro com as famílias agricultoras, seus saberes e suas formas de viver e produzir. Ao fortalecer as comunidades, criar oportunidades de renda e incentivar a permanência dos jovens no campo, a ATUAR contribui para manter viva a agricultura familiar e preservar o patrimônio natural e cultural do Litoral Norte.

Conhecer os Caminhos dos Vales e das Águas é descobrir um território de acolhimento, diversidade e esperança, onde turismo rural, agricultura familiar e cuidado com a natureza caminham juntos.



Nilvia Pinto Pereira é empreendedora do turismo rural, à frente do Recanto Sobragi, em Morrinhos do Sul. É presidente da ATUAR e coordenadora da Rota Caminho dos Vales e das Águas.



Para informações e experiências turísticas, consulte os canais de comunicação da ATUAR.

Rota Turística Caminhos dos Vales e das Águas – ATUAR
Instagram: @atuarrural | **Telefone:** (51) 8916-0404

Os 10 mandamentos dos Romeiros da Terra



Por que alguém se coloca em Romaria pela terra? Na grande tradição das Romarias da Terra, encontram-se os 10 mandamentos dos Romeiros da Terra:

1. Na terra onde os trabalhadores são expulsos, Deus é expulso também;
2. A riqueza dos pobres está na união e na luta pelos seus direitos;
3. Deus não tem parte com quem não reparte;
4. Quem não vive para servir não serve para viver (cf. Mc 10,45);
5. Queremos terra na terra, já temos terra no céu;
6. O mundo será melhor quando o menor que padece acreditar no menor;
7. Cada um de nós é um profeta;
8. Só há Igreja viva onde há comunidade;
9. Só há Igreja viva onde se luta pela justiça;
10. Para Deus o homem e a mulher são iguais.

CRONOLOGIA

1978 1979 1980 1981 1982 1983 1984 1985 1986 1987...

1ª 1978
Caiboaté - São Gabriel
07.02.1978
Romeiros: 400
Tema: A salvação do índio está na consciência do branco

2ª 1979
Tiarajú - São Gabriel
27.02.1979
Romeiros: 3.000
Tema: Justiça para todos - Vamos salvar a Mãe Terra

3ª 1980
Tiarajú - São Gabriel
19.02.1980
Romeiros: 5.000
Tema: Alto lá, esta terra tem dono!

4ª 1981
S. Miguel das Missões
03.03.1981
Romeiros: 12.000
Tema: Saúde para todos

5ª 1982
Ronda Alta
23.02.1982
Romeiros: 33.000
Tema: Povo unido jamais será vencido

6ª 1983
Carlos Gomes
15.02.1983
Romeiros: 40.000
Tema: Água para a vida, não para a morte

7ª 1984
Santo Operário – Canoas
06.03.1984
Romeiros: 50.000
Tema: Terra e trabalho para que todos tenham vida

8ª 1985
Tenente Portela
19.02.1985
Romeiros: 70.000
Tema: Os jovens e os sem-terra em busca de pão e vida

9ª 1986
Sarandi / Pontão
11.02.1986
Romeiros: 60.000
Tema: Terra de Deus, terra de irmãos

10ª 1987
Itaíba – Ibirubá
03.03.1987
Romeiros: 35.000
Tema: Terra repartida, vida garantida

11ª 1988
Pelotas
16.02.1988
Romeiros: 20.000
Tema: Ouvi o clamor deste povo

12ª 1989
Santuário do Caaró - Caibaté
07.02.1989
Romeiros: 60.000
Tema: Comunicar a verdade para libertar

13ª 1990
Erveiras
27.02.1990
Romeiros: 40.000
Tema: Povo que luta defende a vida

14ª 1991
Ibiraiaras
12.02.1991
Romeiros: 35.000
Tema: Das mãos do trabalhador, vida, luta e dignidade

15ª 1992
Hulha Negra
03.03.1992
Romeiros: 25.000
Tema: Terra cultivada, caminho para a vida

16ª 1993
Constantina
23.02.1993
Romeiros: 35.000
Tema: Organizando produção, semeamos libertação

DAS ROMARIAS

...1990 1991 1992 1993 1994 1995... 2000 2001 2002 2003...

17ª 1994
S. Antônio das Missões
15.02.1994
Romeiros: 20.000
Tema: Na solidariedade fazemos nossa a integração

18ª 1995
Getúlio Vargas
28.02.1995
Romeiros: 38.000
Tema: Terra e organização, menos fome na população

19ª 1996
Santa Rosa
20.02.1996
Romeiros: 31.000
Tema: Povo organizado constrói um novo Estado

20ª 1997
Antônio Prado
11.02.1997
Romeiros: 28.000
Tema: Vida na terra, terra da vida

21ª 1998
Ivorá
24.02.1998
Romeiros: 25.000
Tema: Agricultura familiar: resistência e alternativa para o Brasil

22ª 1999
Ceres - Jóia
16.02.1999
Romeiros: 26.000
Tema: Agricultura familiar: trabalho, organização e conquista

23ª 2000
Casca
07.03.2000
Romeiros: 30.000
Tema: Agricultura familiar: esperança, luta e desenvolvimento

24ª 2001
Jaboticaba
27.02.2001
Romeiros: 31.000
Tema: Agricultura familiar: cooperação, vida e justiça social

25ª 2002
Bom Conselho - Sananduva
12.02.2002
Romeiros: 31.000
Tema: Jubileu de Fé na luta por uma Terra Sem Males

26ª 2003
Faxinal - Canguçu
04.03.2003
Romeiros: 20.000
Tema: Terra - Água - Alimento para a vida

27ª 2004
Entre Rios do Sul
24.02.2004
Romeiros: 25.000
Tema: Água viva - Vida na terra

28ª 2005
Cruzeiro do Sul
08.02.2005
Romeiros: 20.000
Tema: Nossas sementes, nossas raízes, nossa vida

29ª 2006
Lagoa Bonita do Sul
28.02.2006
Romeiros: 15.000
Tema: A função social da propriedade

30ª 2007
S. Francisco de Assis
20.02.2007
Romeiros: 15.000
Tema: Preservar terra e água: garantia de vida

31ª 2008
Três Passos
05.02.2008
Romeiros: 15.000
Tema: Juventude: luta e resistência em defesa da vida

32ª 2009
Sapucaia do Sul
24.02.2009
Romeiros: 15.000
Tema: Água – sangue da Terra

... 2010 2011...2020 2022 ...

33ª 2010
Santa Maria
16.02.2010
Romeiros: 12.500
Tema: Quilombos: terra, trabalho e inclusão

34ª 2011
Candiota
08.03.2011
Romeiros: 12.000
Tema: Do clamor da terra, a esperança da vida

35ª 2012
Santo Cristo
21.02.2012
Romeiros: 15.000
Tema: Agricultura Familiar Camponesa: vida com saúde

36ª 2013
Bento Gonçalves
12.02.2013
Romeiros:12.000
Tema: Terra, vida e cidadania

37ª 2014
Tapes
04.03.2014
Romeiros: 9.000
Tema: Reforma Agrária, cooperação e agroecologia

38ª 2015
Davi Canabarro
17.02.2015
Romeiros: 8.000
Tema: Sucessão Rural Familiar, políticas públicas e sustentabilidade social

39ª 2016
São Gabriel
09.02.2016
Romeiros: 10.000
Tema: Cuidar da Terra, Casa Comum

40ª 2017
Pontão
28.02.2017
Romeiros: 10.000
Tema: Terra de Deus, Terra de Irmãos

41ª 2018
Mampituba
28.02.2018
Romeiros: 8.000
Tema: Mulheres Terra, resistência, cuidado e diversidade

42ª 2019
Itacurubi
05.03.2019
Romeiros: 8.000
Tema: Alimentação saudável, identidade, resistência e direitos

43ª 2020
Mormaço
25.02.2020
Romeiros: 10.000
Tema: O Bem Viver no campo e na cidade

44ª 2022
Ilópolis
1º.3.2022
Romeiros: 10.000
Tema: Agricultura Familiar e Agroecologia: Sinais de Esperança

45ª 2023
Eldorado do Sul
21.2.2023
Romeiros: 5.000
Tema: Terra e pão em defesa dos territórios e produção da vida!

46ª 2024
Ipê
13.2.2024
Romeiros: 7.000
Tema: Escutar a Mãe terra e com Maria cuidar da vida!

47ª 2025
Arroio do Meio
4.3.2025
Romeiros: 10.000
Tema: Reconstruir e cuidar da Casa Comum

48ª 2026
Santuário do Caaró - Caibaté
17.2.2026
Romeiros: 10.000
Tema: 400 anos de Evangelização Missioneira: Terra Sem Males e Ecologia Integral.

49ª 2027
Itati
9.2.2027
Tema: Água, terra e alimento
Quem tem sede vem à água, come o que é bom (cf. Is 55,1-3)

Guia do Romeiro

Tudo pronto para a caminhada!

9 de fevereiro de 2027 | Itati – Diocese de Osório

A **49ª Romaria da Terra** será um grande encontro de fé, caminhada, partilha e compromisso com a vida. Confira as principais orientações para chegar, participar e retornar com segurança.

ONDE SERÁ?

Itati – Litoral Norte do Rio Grande do Sul.

No dia **9 de fevereiro de 2027**, Itati acolherá a 49ª Romaria da Terra, com o tema **"Água, Terra e Alimento"** e o lema **"Quem tem sede vem à água, come o que é bom" (cf. Is 55,1-3).**

A escolha do território dialoga com a proposta da Romaria, marcada pelo cuidado com a água, a Mata Atlântica, a agricultura familiar, a biodiversidade, as comunidades e a Casa Comum.

MAPA DA ROMARIA



Horários importantes

7h - Chegada e acolhida das caravanas e café da manhã
8h - Concentração dos romeiros
8h30 - Abertura / mística inicial
9h - Início da caminhada
9h30 - Momentos de reflexão e animação
10h - Chegada ao local principal
10h30 - Celebração
12h - Partilha do alimento
13h - Momento cultural e tribuna com falas
14h30 - Anúncio do local da 50ª Romaria da Terra do RS
15h - Celebração Eucarística e bênção de envio

Atenção! Quem vem de outras cidades deve considerar o tempo de viagem e chegar com antecedência. Cada caravana deve ter uma pessoa responsável por acompanhar os horários e orientar o grupo.

PARA QUEM VEM DE OUTRAS CIDADES

Ao chegar a Itati, siga a sinalização e as orientações das equipes de acolhida. Tenha a identificação da caravana, desembarque somente no local indicado, guarde o contato do motorista e combine previamente ponto e horário de reencontro. Não deixe documentos ou objetos pessoais no ônibus.

Os locais de estacionamento e desembarque serão divulgados pela organização e estarão sinalizados no dia.

ALIMENTAÇÃO E PARTILHA

A Romaria valoriza a **agricultura familiar** e a partilha dos alimentos. Haverá venda de almoço e lanches no local. As caravanas também são orientadas a levar alimentos e bebidas.

Não esqueça sua garrafa ou caneca reutilizável! Além de facilitar o acesso à água, ajuda a reduzir resíduos e expressa o cuidado com a Casa Comum.

CUIDADOS IMPORTANTES

A Romaria acontece no verão, com caminhada e atividades ao ar livre. Leve:

- roupas leves e calçado confortável;
- boné ou chapéu e guarda-chuva;
- protetor solar e repelente;
- garrafa de água;
- cadeira de praia.

Cuide especialmente de crianças, idosos e pessoas com mobilidade reduzida. Em caso de mal-estar, procure uma equipe de atendimento.

CONTATOS ÚTEIS

Organização Local / Hospedagem Solidária:
WhatsApp: **(51) 9978-1236 – Daniel**

Diocese de Osório: mitra@diocesedeosorio.org
WhatsApp: **(51) 98410-2498**

CPT/RS: cptdors@gmail.com
WhatsApp: **(55) 99707-1255 – Luiz Antônio**

Emergências: Ambulância (51) 92006-9840
SAMU 192 | Bombeiros 193 | Polícia Militar 190

No dia da Romaria, procure sempre as equipes identificadas pela organização.

SIGA A ROMARIA NAS REDES

Facebook: Romaria da Terra do Rio Grande do Sul
Instagram: @romariadaterrars

Cooperar é cuidar da terra e de quem vive nela.



Quando valorizamos quem produz, fortalecemos os vínculos da comunidade e cuidamos dos recursos que sustentam a vida, ajudamos o nosso território a prosperar.

Sicredi apoia a 49ª Romaria da Terra.
Itati/RS • 9 de fevereiro de 2027

Sicredi | somos coop